

## Simbologie e scritture in transito

a cura di Vanessa Castagna e Vera Horn

### Para se fazer (no) presente

## O exercício da maternidade e a construção da pessoa entre estrangeiras presas em São Paulo

Bruna Bumachar

(Universidade Estadual de Campinas, Brasil)

**Abstract** This article is a reflection on motherhood and person-building among foreign female detainees in Penitenciária Feminina da Capital (the Capital Female Penitentiary in São Paulo). Detained far from their respective social environments and isolated behind prison walls by policies that keep them there, foreign women are subjected to numerous limitations that jeopardize their relationship with their children and other family members outside the walls. My fieldwork, done by working with two civil human rights organizations, questions prison isolation and reveals the various ways these women pass through prison walls and maintain ties with their relatives. Using an anthropological approach in this article, I intend to show how a series of relationships is established around motherhood through photographs, emails, and letters. I argue that the exchange of such things is essential for both family relationships and the constitution of the (person) foreign women, allowing them to create co-presences, negotiate maternal arrangements that go beyond the mother-child binomial, and challenge the temporal-spatial borders of incarceration in a foreign country.

**Sumário** 1 Introdução. – 2 A maternidade e as articulações em e através de fotografias. – 3 A maternidade e as extensões pessoais em e-mails e cartas. – 4 Para atravessar fronteiras anatômicas, prisionais e nacionais: a produção de copresenças e a construção das estrangeiras no emaranhado materno.

**Keywords** Foreign female detainees. Transnational prison motherhood. Production of co-presence. Person-building.

### 1 Introdução

Há uma série de estudos prisionais que, independentemente do tema abordado, referem-se à maternidade como marca constitutiva e distintiva da experiência prisional feminina. A distância dos filhos e a preocupação com eles são apresentadas como fatores de maior sofrimento para presas (Lima 2006), motivos pelos quais elas cometem *loucuras* (Brito 2007) e também uma das causas centrais para o desenvolvimento de quadros de baixa autoestima, ansiedade e depressão durante o cumprimento de pena (Karveli et al. 2012). Os riscos legais, afetivos e psicológicos gerados pelo aprisionamento à maternidade chegam a

---

#### Diaspore 6

DOI 10.14277/6969-112-6/DSP-6-1

ISBN [ebook] 978-88-6969-112-6 | ISBN [print] 978-88-6969-113-3 | © 2016

ser considerados uma punição adicional exclusiva ao universo feminino (Lopes 2004).

Punição que assim se define, pois é parte constitutiva e constituinte da prisão, uma instituição fortemente marcada pelo gênero, em cujas unidades femininas prioriza-se a reprodução e a domesticidade em detrimento de outras dimensões (Cunha 1994; Cunha, Granja 2013). Assim, o sofrimento, o cometimento de *loucuras* e o quadro de depressão devem ser entendidos como parte de uma experiência na qual a maternidade ganha centralidade institucional e existencial, independentemente do fato de presas cuidarem ou não dos filhos antes do aprisionamento ou dos arranjos familiares a partir dos quais o faziam.

É nesse contexto de potencialização do mandato simbólico materno (Vianna, Farias 2011) que o presente texto se desdobra. Nele busco refletir sobre os meios de exercer e fazer a maternidade entre *estrangeiras* que cumprem pena por dois, quatro, cinco anos ou mais na Penitenciária Feminina da Capital (PFC – São Paulo), unidade onde 52% das quase novecentas presas são oriundas de outros sessenta e dois países. Mais precisamente, busco apresentar as tentativas que elas fazem de suspender a equivalência entre as distâncias física e temporal e a ausência numa escala transnacional, a partir da convergência de dois fenômenos: o aprisionamento num país exterior e as (im)possibilidades comunicativas.

À primeira vista, aquelas que são mães (75% do total das *estrangeiras*) enfrentam diversas restrições para a manutenção do vínculo com filhos e demais familiares em função do alto nível de isolamento: cumprem pena em regime fechado sem receber visitas de parentes e/ou amigos; não podem realizar nenhuma ligação telefônica ao longo de toda a pena e, até 2012, ano em que finalizei o trabalho de campo, podiam receber apenas dois telefonemas por ano, cada qual com duração máxima de vinte minutos; por fim, não têm acesso à internet, apenas aos correios cujos serviços oferecem uma lenta circulação das cartas transnacionais. Não à toa, a experiência prisional delas tende a ser vista pelos atores intramuros como um parêntese no percurso de suas vidas.

Entretanto, meus dados de campo problematizam o isolamento prisional e revelam um emaranhado de relações que extrapola os muros da penitenciária. Contrariando a ideia de que *estrangeiras* não podem contar com a família e não dispõem de uma rede de apoio em função do seu grau de isolamento (Angarita 2008), parto da circulação de fotografias, e-mails e cartas<sup>1</sup> para mostrar como uma série de relações são estabelecidas atra-

---

1 Há uma série de ‘coisas’ que circulam entre *estrangeiras* e seus familiares em outros países. Neste artigo, em função do limite espacial, optei por partir apenas de três artefatos bastante acionados por elas e permitidos legalmente. Quando em relação entre si e com outras ‘coisas’, eles me permitem analisar o exercício da maternidade e a constituição da

vés e em torno da maternidade por meio dessas ‘coisas’.<sup>2</sup> Argumento que a circulação de tais ‘coisas’ é imprescindível na constituição (da pessoa) das *estrangeiras*, permitindo-lhes produzir copresenças, negociar arranjos maternos que extrapolam o binômio mãe-filho e desafiar as fronteiras espaço-temporais do aprisionamento num país exterior. Para tanto, rastreio um emaranhado de relações que constitui a maternidade, assim como os processos de associação de alguns dos agentes (em engajamentos corpos-coisas) que são produtos e produtores de tais relações.

Dito isso, convido os leitores a acompanharem algumas reflexões em torno de dados etnográficos construídos exclusivamente a partir de minha experiência em trabalhos voluntários junto a três organizações civis de direitos humanos dentro e fora da PFC, entre os anos de 2008 e 2012: o Instituto Terra Trabalho e Cidadania (ITTC), uma organização não-governamental que, nessa unidade prisional, realiza *atendimentos* semanais voltados às *estrangeiras*; a Pastoral Carcerária, uma vertente da Igreja Católica, que atua em prisões de todo o país em duas vertentes, a religiosa e a de direitos humanos; e a Associação Casa Recomeço, uma ONG, que abriga e assiste, na cidade de São Paulo, *estrangeiras* egressas ou em cumprimento de penas alternativas à prisão. Minha atuação semanal junto a essas três instituições foi registrada detalhadamente em meu diário de campo, possibilitando-me não só sistematizar uma realidade para além de discursos estandardizados, mas também refletir sobre o emaranhado de relações que atravessa as fronteiras corporais, prisionais e nacionais e constitui, dentre outras coisas, as *estrangeiras* e a maternidade. As falas apresentadas neste artigo fazem parte desse registro.

## 2 A maternidade e as articulações em e através de fotografias

Sandra é uma *colombiana*, de 32 anos, que frequenta os *atendimentos* semanais do ITTC na PFC para pegar os e-mails enviados sagradamente por algum ente. Sua imagem atual contrasta fortemente com a daquela jovem franzina e abatida que, em meu primeiro ano de trabalho de campo, arrasava-se até os *atendimentos* para se lamentar da distância que a separava de Diego, seu filho nascido no primeiro ano de aprisionamento. Chorava

peessoa humana na escala do corpo e das relações (extra)familiares no e com o universo prisional transnacional.

2 Tomo o termo ‘coisa’ na acepção de Ingold, ou seja, como «um ‘acontecer’, ou melhor, um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam». Assim concebida, a ‘coisa’ «tem o caráter não de uma entidade fechada para o exterior, que se situa no e contra o mundo, mas de um nó cujos fios constituintes, longe de estarem nele contidos, deixam rastros e são capturados por outros fios noutros nós. Numa palavra, as coisas *vazam*, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas» (Ingold 2012, 29).

ao dizer que não acompanharia o crescimento do menino e nem seria reconhecida por ele quando retornasse a Cali. Chorava também quando se referia a Paola, sua primogênita de nove anos, que naquela altura achava que a mãe estava no Brasil temporariamente para fins laborais. Ela tinha pânico só de imaginar a reação da menina quando recebesse a notícia.

Lembro-me bem do dia em que Sandra se despediu de sua mãe e seu filho, na véspera do embarque dos dois para a Colômbia. Em frangalhos, contou-nos que estava há dias sem comer e trabalhar, tomada pela angústia e a insônia. Tentamos, em vão, consolá-la. Ela parecia não estar ali, mas imersa na sua dor e nas duas fotografias que sacou do bolso assim que nos viu. Numa, havia ela grávida de oito meses e, na outra, posava com seu filho recém-nascido no colo. «Foram tiradas lá no berçário», comentou atravessando a fala de uma de minhas colegas de equipe, enquanto fitava e acariciava a imagem do bebê em meio a um choro crescente:

Parece que a minha vida acabou! Não queria me separar do meu bebê. É muito sofrimento, muito! [...] Fiquei com ele nove meses dentro de mim. Aí nos últimos oito meses não me separei dele nem um minuto. Ele era parte de mim. A gente tomava banho junto todos os dias, abraçados. Acordava, dormia e comia... fazia tudo, tudo junto. E agora vou ficar sem ele por quatro ou cinco anos. Não vou poder acompanhar o crescimento dele, não vou poder criar ele. É muito tempo longe! Ele nem vai me reconhecer, não vai saber que eu sou a mãe dele. Ele nasceu de mim, ficou comigo este tempo todo, e agora? Ele nem vai me reconhecer!

Os momentos da entrega e do traslado dos bebês são considerados um dos mais difíceis pelas mães que dão à luz na prisão. Segundo elas, a dureza da ruptura tem a ver, dentre outras coisas, com o fato de terem vivido nove meses com os filhos *dentro de si* e cerca de seis meses *coladas com eles* durante a amamentação. Portanto, mais do que ruptura da interação entre duas unidades corporais distintas, poder-se-ia falar da ruptura de um corpo uno em duas partes, tal como sugere a fala da *colombiana*. Corpo plástico, que ganha modos de existência distintos nos momentos da gravidez e da amamentação, mas que se mantém unívoco em ambos; que, ao ser dividido tão logo uma de suas partes é retirada da prisão, sofre as dores físicas e emocionais de uma amputação e produz crises existenciais na mãe. Em suma, corpo que, muito embora sofra com as mudanças decorrentes da cisão, apresenta-se como flexível e capaz de se transformar e se configurar «como uma unidade de percepção e ação que não coincide necessariamente com os limites anatômicos» (Sautchuck 2007, 15).

Essa flexibilidade talvez explique, em parte, o fato de Sandra ter se recuperado da ruptura e estar atualmente muito diferente: seu corpo se transformou e se reconfigurou, de modo que o vazio deixado por aquela parte (o filho) que se foi tornou-se espaço produtivo para novos arranjos

corporais, maternos e familiares e, claro, para uma Sandra bem diferente daquela tomada pela dor. Hoje ela é outra mulher: irônica, bonita, vaidosa e segura de si, que muito se dá a exibir lá dentro com sua família sempre debaixo do braço num álbum de fotografias, um caderno escolar aramado no qual presas colam as imagens de seus entes, já que aqueles propriamente vendidos no mercado não são permitidos na PFC.

Capaz de gerar narrativas sobre si mesma e sua trama intra e extramuros, o álbum foi um meio por onde acompanhei a constituição de vínculos maternos e os episódios associados a este e a outros vínculos. Nesse espaço, *estrangeiras* conseguem reunir os entes, a despeito das intrigas e distâncias afetivas e físicas que às vezes os separam. Conseguem também solenizar momentos familiares e reforçar sua coesão (Bourdieu 1989), seja ela idealizada ou efetivada. E, por fim, conseguem minimizar a perda do tempo familiar no contexto transnacional (Carrillo 2008) e diminuir a sensação de estagnação do presente prisional a partir da disposição das fotos de antigos e novos membros.

O álbum de Sandra está preenchido com dezenas de fotos: imagens da mãe, do pai e o novo namorado da mãe; da irmã, do cunhado e os filhos deles; do irmão e o filho recém-nascido; e de seus próprios filhos, uma vez reunidas dão vida àquelas pessoas em arranjos ora solitários ora coletivos, ora sincrônicos ora diacrônicos. Paola e Diego são os principais protagonistas, com fotografias desde o nascimento até o momento atual. Como a menina é mais velha, os intervalos de tempo entre uma e outra são maiores do que os intervalos das fotos do menino. Questionada sobre os motivos de tantas imagens dos dois, Sandra me falou da importância deles e das fotografias em sua vida:

Eles são minha vida, são tudo para mim. Eu gosto de ficar olhando, fazendo carinho, e... depois, eu estou na cadeia, né? É o jeito que eu tenho para ficar com eles. Vejo o tamanho deles, como eles estão, se estão fortes, bonitos! Sempre estão, né?! [risos]. A minha filha já está com os peitinhos crescendo, olha! É o único jeito que a gente tem... eles não estão aqui para me visitar. Eu quero acompanhar eles cresceenn-ddoooo! E... [pausa]. Você pode me achar doida, mas tem dia, quando estou triste ou com saudades (esses dias que a gente passa aqui dentro!) aí eu fico com eles, faço carinho no rosto deles... chego a sentir a pele e o cheiro deles [risos]. É sério! Eu sinto mesmo!

A fala de Sandra mostra que as fotografias não são meras imagens ou objetos de troca, algo também observado por Fedjuk (2012) em estudo sobre ucranianos migrantes na Itália. Para as *estrangeiras*, assim como para esses ucranianos, as fotografias se tornam parte constitutiva das relações transnacionais: elas mantêm viva na lembrança dos deslocados uma vida familiar idealizada e temporariamente suspensa pela separação

transnacional; mantêm vivas também as obrigações e responsabilidades dos familiares entre si. No caso das *estrangeiras*, esse modo de existência das fotografias está diretamente relacionado com sua possibilidade de corporificar os fotografados. Acompanhar o desenvolvimento físico, fazer carinho, sentir a pele e o cheiro são práticas de produção de presença na ausência realizadas por presas que não contam com as possibilidades (mais ou menos remotas) dos migrantes de acessar as chamadas novas tecnologias da informação nem de realizar retornos periódicos ao seu país de origem. Presas que, comumente sem qualquer chance de receber visitas, buscam tecer presenças dos familiares do lado de cá e a sua do lado de lá na ausência instaurada pelo aprisionamento e uma série de limitações comunicacionais.

A importância que Sandra e outras *estrangeiras* dão ao álbum de fotografias familiar revela sua dimensão pragmática de tornar presente os corpos (dos entes) ausentes no silêncio da imagem. Numa reflexão sobre a pragmática do ato fotográfico, Dubois aborda brevemente os álbuns no esforço de desvendar, na própria natureza desse artefato, aquilo que lhe imputa tamanha importância. Diz ele:

O que confere tamanho valor a esses álbuns não são nem os conteúdos representados neles próprios, nem as qualidades plásticas ou estéticas da composição, nem o grau de semelhança ou de realismo das chapas, mas sua dimensão pragmática, seu estatuto de índice, seu peso irreduzível de referência, o fato de se tratar de verdadeiros traços *físicos* de pessoas singulares que estiveram ali e que têm relações particulares com aqueles que olham as fotos. (Dubois 1993, 80)

Muito embora os conteúdos representados nas imagens tenham sua importância para as *estrangeiras* no acompanhamento do desenvolvimento físico dos filhos e da dinâmica familiar, é inegável que o que confere tamanha importância ao álbum é mais do que isso, quer dizer, é o seu estatuto indicial,<sup>3</sup> a sua capacidade de produzir 'rastros'<sup>4</sup> dos corpos ausentes:

3 Dubois, fundamentado nas definições de Charles Peirce, apresenta uma definição de índice, contrastando-a com as de ícone e de símbolo. Diz ele: «os índices são símbolos que mantêm ou mantiveram num determinado momento do tempo uma relação de conexão real, de contigüidade física, de co-presença imediata com seu referente (sua causa), enquanto os ícones se definem antes por uma simples relação de semelhança atemporal, e os símbolos por uma relação de convenção geral» (Dubois 1993, 61). No caso das *estrangeiras*, as copresenças definem-se como copresenças de natureza indiciária, na medida em que os rastros mantêm uma conexão física com os remetentes.

4 A noção de rastro refere-se aos signos indiciais de materialidade corporal, vestígios da ação efetuada por uma pessoa através de seu corpo sobre outras materialidades. Tal como as 'coisas', definidas por Ingold 2012, carrega componentes subjetivos, comportamentais, linguísticos, financeiros, afetivos, bem como interações, associações, controles e conflitos.

corporificar e reunir os entes, (re)compor a coesão familiar e imprimir certa dinâmica temporal à família e à prisão. No entanto, para que esse estatuto se concretize no contexto intramuros é necessário que *estrangeiras* recebam fotografias do exterior com alguma frequência.

Quando isso não ocorre, o efeito produzido pode ser outro: a dinâmica familiar e também a prisional podem ganhar, mas não necessariamente ganham, uma temporalidade com tendências à imobilização. A dinâmica familiar tende ao congelamento do passado, obrigando *estrangeiras* a se contentarem com lembranças passadas e a lidarem com a sensação presente de abandono; já a prisional tende ao congelamento do presente, cristalizando a dura e repetitiva rotina intramuros, como certa vez me explicou a recém-egressa *búlgara* Dorina:

As fotos são muito importantes para quem está presa e não recebe visita, você não faz ideia. Eu fiquei sem ver meus filhos por quase 5 anos, porque minha família só me mandou foto antiga, do tempo em que eu ainda estava lá. Aí, quando eles me mandaram uma dele com sete anos, já no finalzinho da minha cadeia, eu quase morri! Eu não podia acreditar: meu bebê que deixei com dois anos estava daquele tamanho! Chorei de alegria... e de tristeza também. Doeu muito ver que perdi toda essa fase da vida dele. Sei que minha família não fez isso de maldade, eles só não tinham ideia da importância das fotos para mim. Por mais que eu dissesse nas cartas e nos e-mails, eles não faziam ideia. Não sei bem como explicar, mas vira uma companhia. Tem mulher que chega a sentir a pele, o cheiro da pessoa na foto! Não foi meu caso. Como eu só tinha foto antiga, acabava deixando as minhas guardadas. Ficava só com as cartas mesmo e olhava as fotos só de vez em quando. Mas era ruim. Elas me davam a sensação de que minha família tinha parado no tempo das fotos. Aí junta isso com o tempo na cadeia, que não passa nunca... já viu, né? Parecia que tudo estava parado. Todos os dias iguais aqui dentro, aí meus filhos sempre iguais nas fotos. Parecia que eles tinham me abandonado e eu só ficava com aquela lembrança antiga. Mas aí vinham as cartas e diziam que não. Era muito ruim, dá vontade de chorar só de lembrar. Por isso que eu guardei as fotos e não vi mais.

Interessante notar que Dorina, através do não recebimento frequente das fotografias, mostra como elas são um meio de interação entre a prisão e seu mundo familiar pregresso. Ou melhor, mostram como elas se tornam um meio de interação, nesse caso, apenas em composição com outras

Seu estatuto «situa-se num limiar entre presença e ausência; visível e invisível; duração e transitoriedade; memória e esquecimento; voluntário e involuntário; identidade e anonimato, etc.», como bem afirma Fernanda Bruno 2012, 685 numa reflexão acerca dos rastros digitais ancorada na teoria latouriana do ator-rede.

'coisas', tais como as correspondências. Explico. O seu não envio regular, quando associado à contínua troca de cartas e e-mails, tornam-se lembranças materiais que empurram para o passado uma relação que se esforça para manter-se viva no presente das correspondências ainda por vir. Elas passam a produzir ausências em detrimento das presenças e, juntamente com as práticas que tornam o cotidiano da prisão repetitivo e maçante, acabam por congelar o presente prisional e o passado familiar, desaguando assim na sensação de abandono entre as presas.

Nesse caso, faz todo sentido a *búlgara* guardar as fotografias antigas com vistas a não criar curtos-circuitos na produção de presença dos filhos na prisão por meio da troca contínua de cartas e e-mails. Em outros termos, faz todo sentido ela guardar as fotos antigas, porque o tempo presente e as presenças dos familiares não são unidades dadas de antemão, mas produtos de técnicas e da associação entre determinadas 'coisas' (corpos, cartas e e-mails). 'Coisas' que, por sua vez, não são, cada qual, uma unidade individual pré-dada, fechada em si mesma e com sentidos próprios, mas sim vazadas e capazes de ganhar existências diversas quando associadas umas com as outras através de uma série de técnicas - neste caso, a de envio, leitura e ocultamento.

Isso fica mais claro se observamos *estrangeiras* que não mantêm nenhum tipo de contato com os filhos para além das fotografias antigas, como a *espanhola* Carmen, de 43 anos. Mãe de duas adolescentes, contou-me certa vez que tinha superado o vício da cocaína na prisão com a presença das filhas em fotografias antigas. Coladas na parede de sua cama, disse ela satisfeita: «Meus amores me vigiam, não tiram os olhos de mim! Ficam me olhando com aqueles sorrisos inocentes das crianças e me fazem lembrar todo dia que eu tenho coisas importantes lá fora. Não me deixaram cair [no vício] nenhuma vez aqui dentro. Eu sei que elas não são mais aquelas crianças, mas para mim sempre serão».

A fala de Carmen nos evidencia as fotografias como algo para além de imagens retinianas. Elas não se definem aqui como uma representação, como algo exterior e secundário em relação ao objeto fotografado/representado. São acionadas muito mais como uma «emanação do referente» (Barthes apud Dubois 1993, 60), isto é, como signos que emanam as filhas e as tornam presentes diante da mãe através da justaposição entre o passado e o futuro e da tensão entre o dentro e o fora. Em meio à ausência total das meninas na vida de Carmen, o passado é justaposto ao presente dentro da prisão nas imagens antigas e nas lembranças maternas extra-muros; já o futuro o é no desejo materno pela reconquista das 'coisas lá fora', quando ela sair em liberdade. Nesse sentido, longe de 'minimizar a falta' das filhas ausentes através de representações imagéticas, como mostra Lopes (2004) num estudo sobre amor materno entre mães presas em São Paulo, as fotografias de Carmem produzem presenças. Ou melhor, os processos de associação em torno e através das fotografias são capazes



de produzir o presente espaço-temporal entre lá e cá, pois concretizam a presença das crianças e a relação com elas bem ali no meio da tensão entre o presente que ocupa o interior da prisão e o passado e o possível futuro que ocupam o seu exterior.

As presas também podem enviar suas presenças em fotografias aos entes, se é que estas ganham tal existência do lado de lá. A elas é dado o direito de serem clicadas dentro dessa prisão por um fotógrafo autorizado pela direção da unidade em datas comemorativas. Três fotos no valor total de R\$ 10,00 (dez reais) é o pacote que Sandra não perde por nada! A *colombiana* é daquelas que sempre está a postos para posar diante das lentes do fotógrafo, seja com *parceiras* (geralmente para guardar de lembrança ou enviar nos *pedalos*)<sup>5</sup> ou sozinha (normalmente para enviar aos filhos). Ela desfruta de todo o ritual dos cliques: desde a escolha de adornos, o ensaio de poses e a produção de maquiagem, unhas e cabelos, passando pelos momentos dos cliques, até as conversas de recapitulação dos melhores momentos. Eventos que, para ela, colore o cinzento cotidiano intramuros e ajudam a manter o presente prisional distante de seu estado sólido (de congelamento).

Foi numa foto com as *parceiras* que Sandra foi vista pela primeira vez por Ernesto, *colombiano* que cumpre pena na penitenciária do Itaí, unidade exclusiva para homens estrangeiros, localizada a cerca de 300 quilômetros de São Paulo. Do que ouvi dizer, sucedeu o seguinte: uma *parceira* de Sandra enviou ao namorado, também preso no Itaí, uma correspondência contendo uma foto sua com outras presas, dentre elas, Sandra. Essa imagem circulou lá pelas mãos dos *parceiros* do namorado da moça, seguindo uma prática do mercado de casos e *casamentos* entremuros (Padovani 2015). Ao ver Sandra, achá-la atraente e saber que ela era solteira e *colombiana*, Ernesto logo recrutou o casal de namorados para intermediar o contato com a *colombiana* feito via cartas e telefonemas celulares. E funcionou. Sandra aceitou a investida do rapaz, a despeito do *caso* que ela mantinha com uma *brasileira* lá dentro.

O pedido de casamento não tardou a chegar aos *pedalos* na PFC. Atrelado a ele, veio a promessa de o pretendente contribuir para o sustento dos filhos da moça. Pedido aceito, promessa cumprida – até que a *liberdade* de Sandra os separasse. A distância entremuros selou o matrimônio, relação que estará a todo tempo condicionada, porém não restrita, aos interesses da *colombiana* de sustentar os filhos no aprisionamento e se fazer mãe por meio desse sustento. Se é fato que o dinheiro sustenta a relação conjugal (Zelizer 2009), também o é que o mesmo se encontra articulado com o afeto em trânsitos marcados pelo gênero e por motivações cujo fim é a

5 *Pedalos* e *pedaladas* são termos êmicos para se referir à interação, geralmente de caráter afetivo-sexual, via correspondências ou telefonemas celulares, com pessoas, geralmente de redes prisionais, que se encontram ou dentro ou fora da prisão.

satisfação de necessidades e desejos de diversas ordens, tal como referiu Adriana Piscitelli (2011) em outro contexto transnacional. Satisfação contingencial que, no contexto prisional feminino, tende a terminar com a *liberdade* (Padovani 2015): finda a pena, findo os dois relacionamentos amorosos de Sandra. Mas será bom enquanto durar. Ela manterá seu caso intramuros, seu casamento entremuros e sua maternidade extramuros por meio dos fios de afetos, interesses e cuidados.

É interessante observar como os muros prisionais, que tiveram um papel importante na ruptura de Sandra com seu filho, voltam a tê-lo, porém de modo diferente. Não mais como limite-guilhotina, que amputa corpos, mas como limite-poros, que possibilita a extensão deles. Muros, a um só tempo ruptura e mediação entre o interior e o exterior, que convidam *estrangeiras* a extrapolar os limites físicos de seus corpos e se aventurarem na produção de um emaranhado de relações que não ganharia tal existência se estivesse totalmente dentro ou totalmente fora da prisão. Muros que dependem da produção desse e de outros emaranhados para se atualizarem enquanto tais, para ganharem contínua e temporariamente certos modos de existências, como os de ruptura e mediação.

E foi através desses muros que o sustento dos filhos de Sandra ganhou os seguintes contornos: um amigo do marido, residente em Cali, passou a frequentar a casa da irmã de Sandra esporadicamente para entregar o dinheiro destinado aos custos dos filhos da presa. Certa vez, pude perguntar-lhe sobre essa trama e ela foi categórica:

Se for para ajudar meus filhos, mandar dinheiro para eles, eu caso e descaso! Caso com ele e tenho um caso com ela aqui! [risos] É bom, porque posso ajudar minha mãe no sustento das crianças e também comprar uns presentinhos para as crianças. Coisas que eu já comprava e que quero que eles continuem tendo - roupas, sandálias, brinquedos, esse tipo de coisa. Peço à minha mãe e à minha irmã para comprarem pra eles e dizerem que a mamãe mandou. Assim, eles sabem que a mãe deles está presa aqui, mas que não se esqueceu deles, que tá lá com eles e que ama muito os dois. Digo [ao marido] que amo, que estou apaixonada, que sou esposa dele. Eu digo! Faço sexo e tudo [por meio dos *pedalos*][...]. Aí ele fica calminho, calminho, diz que a cadeia pesa menos. Minhas parceiras aqui falam para mim «Sandra, você está louca! Você é maluca. A Adriana [o seu caso] vai descobrir!». Mas eu não estou nem aí, enquanto estiver assim, eu aqui e ele lá me ajudando, está tudo ótimo. É assim que tem que ser, não é? É melhor tirar a cadeia do que ela me tirar!

Sandra, de fato, *tirou a cadeia*,<sup>6</sup> cumprindo sua pena e zombando de alguns limites. Experimentou as potencialidades das fronteiras prisionais e nacionais, dos arranjos afetivos-sexuais e maternos, afastando o tempo familiar e o intramuros de seus estados sólidos, de congelamento, a partir de fluxos intra, entre e extramuros. Fluxos desdobrados em mercadorias, dinheiro e fotografias; feitos de ajudas, cuidados, deveres, direitos, interesses, afetos ao longo dos quais seu corpo, que me pareceu estar em vias de sucumbência, e sua maternidade, que lhe pareceu em vias de insolvência, ganharam novamente vida. Fluxos que, uma vez constituídos na separação da prisão, recusaram-se à contenção: atravessaram as fronteiras dos muros, das 'coisas', dos corpos e das relações e produziram presenças espaço-temporais.

Mas, afinal, de que presença estamos falando? Qual é a sua natureza? Para responder a essas questões, convido o leitor a me acompanhar pelos seus processos de constituição a partir de correspondências, cuja relevância é amplamente reconhecida na literatura prisional.

### 3 A maternidade e as extensões pessoais em e-mails e cartas

Minha reflexão sobre as correspondências teve como ponto de partida a análise de Susel da Rosa (2008) sobre a produção de presença epistolar através das técnicas de escrita, leitura e releitura. Fundamentada nas reflexões foucaultianas sobre as técnicas de si, a autora mostra como as cartas de um ex-sargento preso na ditadura militar brasileira comportam sua 'presença quase física' quando lidas pela esposa destinatária. Segundo da Rosa, essa 'quase presença' vigora através do gesto da escrita que é, em si mesmo, uma forma de se mostrar, de dar-se a ver ao outro. Sua atuação sobre o remetente e o destinatário, através das técnicas de escrita e de leitura/releitura, respectivamente, ameniza os perigos da solidão, dando ao que se viu ou pensou um olhar possível (Foucault 1992).

Na Penitenciária Feminina da Capital, as cartas também atuam em virtude dos gestos da escrita, leitura e releitura, garantindo às presas o compartilhamento de uma série de eventos, dentre detalhes do cotidiano intramuros, momentos de alegria e angústia, acontecimentos marcantes na PFC, em outra prisão e em casa, lembranças e saudações, informações processuais, penais e parentais. No que diz respeito aos filhos, garantem a elas, além disso, o compartilhamento de afetos, de problemas e suas soluções, de desenvolvimento em atividades domésticas, físicas e musicais e, por fim, de práticas e regras de educação, alimentação, obediência, convivência familiar e higiene.

6 O verbo *tirar* significa 'zombar, debochar'. Já a expressão *tirar a cadeia* tem o sentido de 'cumprir a pena'. Quando Sandra faz o trocadilho 'melhor tirar a cadeia do que ela me tirar', ela aciona ambos os sentidos.

Entre as *estrangeiras*, as cartas circulam por e-mails ou correios. Quando por e-mail, a logística funciona da seguinte maneira: uma vez por semana um dos membros do ITTC faz sair do endereço eletrônico da ONG cartas de no máximo duas páginas, com destino ao endereço digital que é escrito pela remetente no canto superior da folha. As respostas são enviadas pelos familiares ao endereço digital da ONG que, por sua vez, as leva impressas para as *estrangeiras* no atendimento da semana seguinte. A necessidade de mediação do ITTC nesse caso se deve à impossibilidade legal do uso de internet nas prisões. Em função disso, a ONG firmou um protocolo junto à Secretaria de Administração Penitenciária do Estado de São Paulo, em meados dos anos 2000, com vistas a acelerar a troca de correspondências escritas entre *estrangeiras* e seus entes.

Como a demanda por este serviço cresceu rápida e vertiginosamente na PFC, o Instituto adotou a digitalização, ao invés da digitação, das cartas escritas a mão pelas *estrangeiras*. Isso colocou abaixo certas fronteiras entre o analógico e o digital, já que as imagens das cartas garantem ao destinatário o acesso não apenas a seu conteúdo (conjunto de frases), mas também a tudo aquilo que se perde em e-mails digitados, isto é, papéis coloridos preenchidos com caligrafia, rabiscos, desenhos e beijos em batom.

Para Maretha, por exemplo, uma *sul-africana branca*, de 38 anos, a digitalização dos e-mails faz toda a diferença. Ao longo do aprisionamento, sua caligrafia criou possibilidades para sua mãe notar seu estado de espírito em cartas e e-mails, independentemente do seu conteúdo: se a escrita estiver pequena e apertada, a mãe sabe que ela se encontra triste; se estiver tremida e corrida, que ela está nervosa ou apreensiva; e se estiver bem arredondada, grande e simétrica, a mãe fica tranquila, porque a filha está bem. Nesse caso, a habilidade materna em cartografar e vigiar os afetos da filha nas folhas de papel se deve menos à sua capacidade individual interpretativa do que à tessitura de uma relação física no vaivém de e-mails e, em menor medida, de mercadorias, cartas e fotografias. Ou seja, não se trata simplesmente de interpretar os sinais deixados pela filha no conteúdo registrado, mas antes de viver a relação de maternidade a partir do compartilhamento dos rastros que circulam entre um lado e o outro.

Esse compartilhamento é tributário do caráter indicial de e-mails e cartas e da sua decorrente capacidade de objetivar as pessoas (os remetentes, no caso) entre lá e cá. Os e-mails carregam signos, no caso de Maretha a caligrafia, que mantêm uma ligação material e existencial com a remetente. Signos que, ao atravessarem a distância prisional transnacional e entrarem em relação com a mãe destinatária, têm suas informações transformadas em ação: atualizam a presença da remetente diante do corpo da destinatária no momento em que esta lê os indícios afetivos inscritos não apenas no conteúdo, mas também na caligrafia. Nesse caso, a caligrafia se torna um rastro capaz de mediar a relação presencial entre mãe e filha,

ampliando exponencialmente a superfície do visível e permitindo àquela perceber e vigiar o estado emocional desta, como se estivesse olhando dentro de seus olhos:

Eu e minha mãe estamos sempre juntas! Ela me manda e-mail e carta pelo menos duas vezes na semana, me liga, me manda sedex... sedex nem sempre, porque é muito caro. Mas só de usar o desodorante, o sutiã, a camisa que ela me manda, me sinto com ela. Eu também escrevo sempre, mando fotos de vez em quando, mas ela consegue me ver mesmo nos e-mails. Ela me vê mesmo, como se estivesse olhando nos meus olhos. Eu sinto isso quando escrevo. Aí nem adianta eu mentir, porque ela sabe como eu estou só pela minha letra.

A fala de Maretha ecoa as reflexões supracitadas de Susel da Rosa (2008) acerca da importância da técnica na interação epistolar entre quem está dentro da prisão e quem está fora dela. Suas palavras retratam, de modo similar às da autora, uma relação que é tecida a partir dos gestos da escrita e da (re)leitura e que, por isso, abre possibilidades de colocar em suspeição os limites não apenas da prisão, mas também dos indivíduos separados por eles. Mas enquanto da Rosa (2008) explora essas possibilidades a partir da noção de uma 'presença quase física', Maretha nos sugere a produção de uma presença que se faz plena. Não há, em suas palavras, qualquer interrupção desse processo que justificaria o termo 'quase'. Ao contrário, há atos e sensações que colocam mãe e filha frente a frente.

Quando indagada sobre as vantagens dos e-mails, Maretha fez alusão à circulação semanal, à gratuidade e, para as falantes de português e espanhol,<sup>7</sup> que não era o seu caso, à isenção de qualquer fiscalização do conteúdo escrito por parte da unidade prisional. Tais vantagens foram listadas em contraste com a lentidão, o custo de envio e a leitura fiscalizadora das cartas que entram e saem da prisão em malotes retirados e entregues pelos Correios. Além disso, ela disse preferir os e-mails às cartas de correio, já que estas podem ser facilmente interceptadas a mando das autoridades envolvidas em seu caso - como se os e-mails não o pudessem. No entanto, queixou-se do limite de duas páginas para cada *estrangeira* por *atendimento*, o que restringe a presença no papel e exige das remetentes um enorme esforço para fazer caber os fios das relações naquele

7 Dado que nenhum funcionário da PFC fala outra língua além do português e a fiscalização só ocorre em cartas nas línguas portuguesa e espanhola, uma parcela significativa das *estrangeiras* escapam deste controle. O desejo de escape das presas em geral tem a ver menos com ações consideradas criminosas do que com a recusa delas em multiplicar formas de controle sobre práticas ordinárias que compõem o cotidiano de toda e qualquer pessoa - bater papo, resolver e criar problemas familiares, fazer sexo, cuidar dos filhos e da casa, trocar informações etc.

curto espaço. Ademais, eles não trazem a textura e o cheiro comumente transportados pelas cartas.

Em função de sua mobilidade, sua legalidade, seu baixo custo de envio e da ausência de limites de páginas, as cartas «sempre foram e ainda são um vaso comunicante fundamental» nas prisões (Godoi 2010, 70). São definidas como «formas diferentes, adaptadas para [presas] manterem o lugar de mãe e as relações em torno e através da maternidade» (Brito 2007, 72); como «um meio importante para o contato entre mães e filhos distantes» (Lopes 2004, 100); «um meio substituto às visitas esporádicas ou àquelas que não podem ocorrer» (123); «paliativos à dor do afastamento» (142); «um mundo carregado de imagens que cada um colore a sua maneira» (90). Porém, «um recurso limitado para aquelas mães que não sabem escrever» (90).

Nas relações amorosas prisionais, são apresentadas como documentos que definem e registram pessoas em instâncias conjugais, familiares e estatais e que produzem (i)mobilidades físicas em e entre fronteiras prisionais e transnacionais (Padovani 2013). São também definidas como metonímias do corpo, quando «mulheres [de presos] transformam o papel em pele, adornando e perfumando as suas cartas, construindo um substituto corporal permitido nas áreas restritas do estabelecimento correccional e que penetra no espaço íntimo do recluso» (Comfort 2007, 1062).

Por fim, na dinâmica prisional intramuros, surgem como instrumentos de vigilância e controle de presas(os) e seus parentes extramuros, como objetos de monitoramento, censura, extravio e abuso de poder de funcionários prisionais (Soares, Ilgenfritz 2002; Comfort 2007; Godoi 2010; Padovani 2013). Mas nem sempre é assim. No Estabelecimento Prisional de Tires, em Portugal, por exemplo, elas se tornaram «confidenciais, furtando-se assim a práticas censórias que antes exerciam não só um controle securitário como também moral» (Cunha 2002).

Nos estudos das migrações transnacionais, por sua vez, tais artefatos foram ultrapassados pelas novas tecnologias de comunicação, de modo que deixaram de ser objetos de análise em algumas pesquisas (cf. Cólera 2010; Benítez 2012; Leifsen, Tymczuk 2012). Quando ainda o são, surgem de três maneiras distintas: como documentos para fins consulares (Puerta, Masdéu 2010; Bongianino 2012; Lorgia 2010), como objeto com sentido e existência dados – portanto, não explorados – que garantem a proximidade, a intimidade e o cuidado à distância (Bongianino 2012, Lobo 2006) e como meio de comunicação familiar de suma importância no século passado (Carling et al. 2012; Madianou, Miller 2012).

No contexto prisional transnacional das *estrangeiras*, as cartas são fundamentais. Além de atuarem, tais quais os e-mails digitalizados, sobre a dimensão visual, operam também em virtude do cheiro de perfume, de pessoas ou de locais (casa, prisão), bem como da textura de beijos em batom, do toque de crianças em tinta guache, do estado de espírito em

caligrafia e desenhos feitos com canetas, purpurinas, barbantes, linhas e tintas. Podem circular de forma bastante adornada ou em simples escritos que preenchem, sós e únicos, as linhas de folhas comuns de fichário. Podem também se encorpar com cartões comemorativos, fotografias, folhas e flores secas que lhes fazem companhia nos envelopes, como fica evidenciado nos trechos a seguir:

Nunca mais recebi as suas cartas, não *sei o que está acontecendo com vocês*. Aqui neste lugar é muito difícil sem carta da família a [sic] um mês mandei uma carta para você só que até hoje ainda não recebi nenhuma resposta, você é a única pessoa que me escrevia me dando *notícias* das crianças *a carta neste lugar é como se fosse uma visita*. Pelo amor de Deus sei que estou a implorar muito, mas a minha preocupação são as crianças, beijos da tua irmã que tanto te ama. Abraço para toda família Costa. (carta ao irmão)

Mammy I'm reading ur letter the way I read my bible. I repeat three times or four times a day. (resposta para mãe)

Minha querida mama, como descrever a emoção de *tocar a mão de Celine* [filha]? *Fiz carinho nela, senti a pele, as linhas da mãozinha*. Não parei de rir e chorar ao mesmo tempo. A mão está grande! Sinal de que ela está a crescer bem mesmo [...] O primeiro beijo [em batom] é para ela e o segundo para você mama. (carta à mãe)

Como é bom *sentir seu cheiro, ver seu rosto de pertinho*. Sinto te aqui comigo, meu filho. Quero estar com você e seus irmãos aí também. Mando uma foto para cada um, olhe atrás delas que saberão para quem é. Guardem junto com vocês porque quero estar perto sempre. (carta ao filho)

What a surprise! How the photos washed my heart! I've been longing to see everyone and definitely I feel more strengthened to go on. Thank you so much! [...] *I sleep with the photos and wake up with them*. It means a lot, how much you don't know. (carta à irmã)

Acompanhar o desenvolvimento físico, fazer carinho, mandar beijo em batom, sentir a pele e o cheiro são práticas de produção presencial entre lá e cá. Nesse sentido, as cartas, longe de serem «paliativos à dor do afastamento», «meios substitutos» à presença materna (Lopes 2004, 123, 142) ou «formas diferentes, adaptadas para manterem o lugar de mãe e as relações em torno e através da maternidade» (Brito 2007, 72), são meios de produção presencial de mães presas e seus entes. Meios guardáveis em bolsos, caixas, sacolas, travesseiros... e aguardados, ansiosamente

aguardados. Especialmente quando vindos do estrangeiro, demoram a chegar dez, quinze, trinta dias ou mais e, ainda, podem ser censurados pela leitura e fiscalização de seus conteúdos.

Demora, no entanto, que pode ser suprimida quando elas são trocadas continuamente a cada dois ou três dias. Após a chegada da primeira, o intervalo de semanas entre o envio e o recebimento é anulado pelo contínuo fluxo das conseqüentes. Nesse caso, a modulação da velocidade das cartas, operada pela técnica de envio, possibilita a produção de presenças tão mais presentes. Mais presentes na recusa da separação temporal, isto é, na tentativa de sincronização dos tempos passado e presente garantida, não pela velocidade de transmissão dos rastros como ocorre com os celulares, mas pela sucessividade e frequência da circulação epistolar. Mais presente também na recusa da separação espacial, isto é, na interação entre o destinatário e o remetente nos atos de cheirar, ler, observar, tocar e carregar os papéis e tudo aquilo inscrito nele ou anexado a ele. Em suma, presenças que, uma vez constituídas na separação da prisão, recusam-se à contenção.

#### **4 Para atravessar fronteiras anatômicas, prisionais e nacionais: a produção de copresenças e a construção das estrangeiras no emaranhado materno**

Os dados apresentados neste artigo buscaram refletir sobre os desafios que *estrangeiras* em cumprimento de pena de prisão enfrentam para gerir as relações maternas e familiares em meio ao hiato espaço-temporal em escala transnacional. Tais reflexões encontram-se alinhadas à preocupação que atravessa os campos de estudos prisionais e transnacionais acerca das práticas de fazer família por entre fluxos e fronteiras. Na literatura transnacional, por exemplo, termos como «long distance intimacy» (Parreñas 2005), «proximidade a distância» (Lobo 2006), «physical distance» (McKenzie, Menjívar 2011), «care at a distance» (Leifsen, Tymczuk 2012) são acionados para tratar do modo como mulheres migrantes e seus familiares residentes no país de origem criam meios de relação capazes de conectá-los na distância transnacional através das denominadas tecnologias da comunicação e informação. Nos diferentes contextos analisados pelos autores, são apresentados os variados sentidos atribuídos aos agentes (humanos e não humanos) envolvidos na interação, seus limites são inquestionavelmente imutáveis - as pessoas são sempre indivíduos (de) limitados em seus corpos, que acionam as tecnologias, objetos intermediários também (de)limitados em suas formas físicas.

Madianou e Miller foram a fundo nessa questão e dedicaram um livro à compreensão das 'novas mídias' no processo de mediação das relações



entre filipinas migrantes e seus familiares residentes no país de origem. A partir de uma etnografia multissituada (no tempo e no espaço), os autores colocaram em questão as fronteiras transnacionais através da mediação, mas não as fronteiras materiais dos agentes mediados e mediadores. Eles apresentam uma rica discussão sobre a constituição da ‘família transnacional conectada’ e cunham o termo ‘polimídia’ para definir o ambiente no qual as mídias mediam as relações entre os indivíduos separados pela distância transnacional. Tal ambiente deve ser, segundo eles, visto como uma espécie de estruturalismo levistraussiano, no qual o entendimento que os familiares têm e o uso que eles fazem de cada uma das mídias é resultado do seu contraste com outras que também poderiam ser utilizadas numa mesma comunicação.

Os e-mails, por exemplo, só são definidos como tais nas suas diferenças em determinado contexto e em relação a telefonemas, cartas e SMS. Isso porque os contrastes entre as ‘mídias’ em uso definem o ‘nicho’, para utilizar os termos dos autores, de cada uma delas em certo contexto pessoal e cultural. Concomitantemente, esses mesmos contrastes se tornam o idioma por meio do qual as pessoas expressam as diferenças de forma e propósito da própria comunicação. Nesse sentido, toda escolha por uma ou outra mídia é um ato comunicativo e moral definidor de cada uma delas. É também um ato a ser compreendido de acordo com formas culturais de socialidade, temporalidade, poder e emoção.

Se por um lado, os autores apontam para a importância da mediação na definição mútua e recíproca das ‘mídias’ e das relações de parentesco, por outro, eles o fazem, tal como os demais estudos sobre famílias transnacionais, sem colocar em suspeição as fronteiras dos agentes envolvidos. Sugerem um ambiente feito de pessoas com fronteiras fixas, que se comunicam através de coisas (‘mídias’) intermediárias que em nada as alteram e nem são alteradas por elas, como se os limites físicos de umas não pudessem afetar nem serem afetados pelas materialidades, temporalidades e *affordances* de outras. As pessoas são indivíduos encerrados nos limites de seus corpos e as mídias, intermediários igualmente individuais e encerrados em suas formas e seus nichos.

Algo semelhante ocorre em parte dos estudos prisionais quando, por exemplo, as cartas são definidas como presenças «quase físicas» (Rosa 2008), «adaptadas» (Brito 2007) ou «substitutas do corpo» (Comfort 2007). Nesse caso, os três termos carregam, em alguma medida, o questionamento em torno das fronteiras prisionais, mas não das fronteiras dos agentes envolvidos na mediação intra e extramuros. Através da circulação das cartas, remetentes e destinatárias(os) garantem certa mobilidade por entre os muros da prisão: o ex-general preso na ditadura militar consegue produzir uma presença quase física diante da esposa leitora; mães conseguem exercer uma maternidade adaptada dentro da prisão; e maridos presos e suas esposas conseguem substituir seus corpos diante do respec-

tivo cônjuge. No entanto, tais realizações não são plenas porque esbarram num certo enclausuramento das pessoas: a presença é quase física, e não física, a maternidade é adaptada, e não atualizada, e a presença epistolar é substituta, e não apenas uma presença de outra natureza, porque, na análise das autoras, a noção de pessoa não escapa aos limites físicos do corpo.

No trabalho de Comfort, por exemplo, minha maior inspiração na reflexão sobre corpo e pessoa no contexto prisional, há uma certa problematização das fronteiras corporais quando a autora discute a experiência prisional de mulheres durante o cumprimento de pena de seus maridos. Refletindo sobre as relações amorosas desses casais na Califórnia, Comfort mostra como eles, uma vez separados pelos muros da prisão, passam a ‘partilhar’ uma vida doméstica e conjugal fortemente pautada pelas práticas e regras que regem a prisão através de telefonemas, encomendas e correspondências. Essas correspondências se atualizam como uma espécie de prolongamento tangível do remetente: sua mobilidade e materialidade as tornam capazes de substituir o corpo do cônjuge ausente.

Os envelopes decorados pelos residentes são objectos artísticos famosos, ricamente ornamentados com desenhos semelhantes aos que são tatuados na prisão. (Phillips 2001b)

De forma semelhante, as mulheres transformam o papel em pele, adornando e perfumando as suas cartas, construindo um *substituto corporal* permitido nas áreas restritas do estabelecimento correcional e que penetra no espaço íntimo do recluso. (Comfort 2007, 1062)

Ao colocar em simetria corpos e cartas, a autora tem o mérito de mostrar que há possibilidades de produção presencial para além dos corpos humanos em sua dimensão material. No entanto, essa noção de substituição mantém enclausurada a noção de pessoa. A diferença é que tal enclausuramento ocorre não mais apenas nos limites materiais dos corpos humanos, mas também nos das epístolas. Ou seja, quando não é possível a concretização dos presos e suas esposas por meio de seus respectivos corpos, as cartas surgem como seus substitutos. Tomadas como unidades materiais individualizadas e estabilizadas, essas pessoas se encerram na superfície da pele ou do papel. Surgem como unidades passíveis de incorporação em corpos e cartas, mas não de flexibilização, continuidade, extensão ou desdobramento numa possível multiplicidade de fluxos em diferentes materialidades. Em suma, se a mobilidade dos cônjuges por entre os muros da prisão é pensada a partir da simétrica substituição de corpos por cartas, ela só a é através do enclausuramento da noção de pessoa em «indivíduos possessivos» (Macpherson apud Haraway 2011), isto é, conformados nos limites anatômicos dessas duas unidades materiais discretas e excludentes entre si.

No caso das *estrangeiras* presas na PFC, sugiro que a sua mobilidade seja pensada menos em termos de substituição do que de articulação. E para tanto, proponho a noção de copresenças<sup>8</sup> no intuito de colocar em suspeição e suspensão as amarras das noções de corpo e de objetos para além dos limites de suas respectivas dimensões materiais. Do latim *cum* (prefixo sinônimo de concomitância, simultaneidade) e *praesentia* (substantivo feminino sinônimo de presença, aparição), as copresenças se definem no contexto prisional das *estrangeiras* como *performances de materialidades tangíveis* concretizadas no encontro de um ou mais corpos humanos com os rastros do ente localizado no lado oposto. Performances que não equivalem àquela em e entre corpos humanos e nem a substituem, mas não perdem por isso sua natureza corpórea. Ou melhor, não a perdem justamente porque a materialidade dos rastros está em plena conexão física com a materialidade dos corpos dos remetentes por meio de uma série de técnicas executadas de um e outro lados.

Técnicas de escrita, leitura, fala, escuta, toque, cheiro; de envio, transmissão, registro e digitalização que, ao individuarem as *estrangeiras* e seus familiares nos diversos processos de individuação de seus corpos, abrem no espaço outros espaços, criam pontos de interação no vácuo da distância espaço-temporal. Técnicas de produção de (novas) presenças, que promovem o engajamento de materialidades distintas e nunca completamente estabilizadas; que estendem e ramificam as pessoas e lhes proporcionam certa mobilidade entre lá e cá – mobilidade esta que dura enquanto durar tal produção e que, por isso, precisa ser continuamente atualizada. Em suma, técnicas por meio das quais remetentes e destinatários se individualam na individuação de tais materialidades, quer dizer, por meio das quais as relações entre *estrangeiras* e seus familiares se efetua na concretização de relações (sociotécnicas) entre corpos, coisas e ambientes.

Como busquei mostrar ao longo do artigo, tal efetuação ocorre no vazio das ausências (dos corpos dos remetentes) sem que ela implique o suprimento destas. Ao contrário, trata-se de presenças (indiciais) que afirmam ausências (corporais) e de ausências (corporais) que afirmam presenças (indiciais). Distância, a um só tempo, instaurada e abolida na produção de rastros feitos não apenas de fotografias, cartas, e-mails, mercadorias, ou seja, de unidades materiais desconectadas desse corpo, mas das ações dos engajamentos corpos-fotografias, -cartas, -e-mails, -celulares, -corpos-outras e -mercadorias. Rastros, fundados na tangibilidade espaço-temporal das ‘coisas’ em relação ao corpo humano, que criam, nutrem, cuidam, vigiam e normatizam as pessoas e seus corpos no contexto prisional transna-

8 Os primeiros esforços de definir a noção de copresença foram inspirados nas reflexões de Comfort e podem ser encontrados em Bumachar 2015.

cional. Copresenças de natureza indiciária, que resultam da conexão física entre os rastros (signos) e os corpos ausentes; ou, mais precisamente, que resultam do conjunto de práticas e técnicas executadas pelos remetentes e destinatários sobre determinadas materialidades extensivas de seus corpos. Em suma, copresenças singulares e irreduzíveis umas às outras, constitutivas e constituintes de pessoas humanas múltiplas e extensivas que não perdem, por isso, sua unicidade.

Pessoas que, uma vez separadas pela distância transnacional e esquadrihadas pelo controle prisional, têm sua existência atualizada. Engajam seus respectivos corpos a certas materialidades e, por meio destas, atravessam os poros dos angustiantes limites anatômicos, prisionais e nacionais. Pessoas híbridas, de materialidade relacional (Law, Mol 1995), que criam mobilidades para compensar a imobilidade do corpo; que experimentam a transitoriedade de seu modo de existência e atravessam as fronteiras anatômicas, prisionais e nacionais; que atualizam as possibilidades de ação de suas materialidades ao renovar, sempre temporariamente, a coexistência de suas ordens de natureza orgânica e inorgânica por meio de uma série de fluxos.

Duas ordens de natureza orgânica e inorgânica que, tal como o dentro e o fora da prisão e do corpo, constituem-se como dois lados de uma mesma moeda, mas dois lados de naturezas distintas. Lados que se atravessam para dentro um do outro sem, no entanto, se reduzirem um ao outro, intensificando assim o processo de interiorização do fora (associação) e o de exteriorização do dentro (fragmentação). Lados que, na tensão entre sua porosidade e sua irreduzibilidade, compõem ciborgues (Haraway 2009) desejosos de se partirem... e partirem: ramificarem-se para atravessar as distâncias espaço-temporais através de uma multiplicidade de fluxos, a um só tempo, autônomos e inter-relacionados. Fluxos de materialidades que carregam e atualizam práticas, regras, sentimentos, desejos, direitos e deveres. Que, enfim, transformam para não transformar: transmutam as *estrangeiras* numa malha de engajamentos móveis, multiplicam o emaranhado de fios constitutivos e constituintes delas e da relação entre mãe presa e filho, reiterando assim certas convenções de gênero relativas à maternidade.

## Bibliografia

- Angarita, Andreina (2008). *Drogas, cárcel y género en Ecuador: la experiencia de mujeres mulas*. Ecuador: Flacso.
- Barthes, Roland (1984). *A câmara clara. Tradução de Júlio Castañon Guimarães*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Benítez, José (2012). «Salvadoran Transnational Families: Ict and Communication Practices in the Network Society». *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 38(9), 1439-49.
- Bongianino, Claudia (2012). *Malas de sonhos e saudades: Família e mobilidade entre cabo-verdianos na Itália* [Dissertação de Mestrado]. Brasília: Universidade de Brasília.
- Bourdieu, Pierre (1989). *La fotografía: un arte intermedio*. México: Nueva Imagen.
- Brito, Mirela Alves de (2007). *O caldo na panela de pressão: um olhar etnográfico sobre o presídio para mulheres em Florianópolis* [Dissertação de Mestrado]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Bumachar, Bruna (2015). «No emaranhado prisional transnacional: o exercício da maternidade entre estrangeiras presas em São Paulo». Gomes, Sílvia; Granja, Rafaela (eds.), *Mulheres e Crime: perspectivas sobre intervenção, violência e reclusão*. Porto: Edições Húmus/Autêntica, 85-100.
- Carling, Cecilia; Menjívar, Cecilia; Schmalzbauerc, Leah (2012). «Central Themes in the Study of Transnational Parenthood». *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 38(2), 191-217.
- Carrillo, María Cristina (2008). «Foto de família: los usos privados de las fotografías entre familias transnacionales ecuatorianas». Herrera, Gioconda; Jacques, Ramirez (eds.), *América Latina migrante: Estado, familia, identidades*. Ecuador: Flacso, 281-302.
- Cólera, Maria Carmem (2010). «Te escuchas aquí al lado. Usos de las tecnologías de la información y la comunicación en contextos migratorios transnacionales». *Athenea Digital*, 19, 239-48.
- Comfort, Megan (2007). «Partilhamos tudo o que podemos: a dualização do corpo recluso nos romances através das grades». *Análise Social*, 42(185), 1055-79.
- Cunha, Manuela (1994). *Malhas que a reclusão tece: questões de identidade numa prisão feminina*. Lisboa: Cadernos do Centro de Estudos Judiciários.
- Cunha, Manuela (2002). *Entre o bairro e a prisão: tráfico e trajectos*. Lisboa: Fim de Século.
- Cunha, Manuela; Granja, Rafaela (2013). «Gender Asymmetries, Parenthood and Confinement in Two Portuguese Prisons» [online]. *Champ Pénal/ Penal Field, Dossier Parentalités enfermées*, 11. URL <http://champpenal.revues.org/8809> (2016-09-01).

- Dallaire, Danielle (2007). «Incarcerated Mothers and Fathers: a Comparison of Risks for Children and Families». *Family Relations*, 56(2), 440-53.
- Dubois, Philippe (1993). *O ato fotográfico e outros ensaios*. 2a ed. Campinas: Papirus.
- Fedyuk, Olena (2012). «Images of Transnational Motherhood: the Role of Photographs in Measuring Time and Maintaining Connections Between Ukraine and Italy». *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 38(2), 279-300.
- Godoi, Rafael (2010). *Ao redor e através da prisão: cartografias do dispositivo carcerário contemporâneo* [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Granja, Rafaela; Cunha, Manuela; Machado, Helena (2014). «Mothering from Prison and Ideologies of Intensive Parenting: Enacting Vulnerable Resistance» [online]. *Journal of Family Issues*. URL <http://jfi.sagepub.com/content/early/2014/05/16/0192513X14533541.abstract> (2016-09-01).
- Haraway, Donna (2009). «Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX». Tadeu, Tomaz (eds.), *Antropologia do Ciborgue: As vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 33-118.
- Haraway, Donna (2011). «A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente» [online]. *Horiz. Antropol*, Porto Alegre, 17, 35, 27-64. URL [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832011000100002&script=sci\\_abstract](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832011000100002&script=sci_abstract) (2016-06-27).
- Ingold, Tim (2012). «Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais» [online]. *Horizontes Antropológicos*, 17(18), 25-42. URL [http://www.scielo.br/scielo.phpscript=sci\\_arttext&pid=S010471832012000100002&lng=en&lng=pt.10.1590/S0104-71832012000100002](http://www.scielo.br/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=S010471832012000100002&lng=en&lng=pt.10.1590/S0104-71832012000100002) (2016-12-02).
- Karveli, Vassiliki; Petroulaki, Kiki; Nikolaidis, George (2012). «Raising a Child through Prison Bars» [online]. URL [http://www.mothers-in-prison.eu/sites/default/files/1/EN\\_Manual%20for%20Professionals.pdf](http://www.mothers-in-prison.eu/sites/default/files/1/EN_Manual%20for%20Professionals.pdf) (2016-01-15).
- Leifsen, Esben; Tymczuk, Alexander (2012). «Care at a Distance: Ukrainian and Ecuadorian Transnational Parenthood from Spain». *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 38(2), 219-36.
- Lima, Márcia de (2006). *Da visita íntima à intimidade da visita: a mulher no sistema prisional* [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Lobo, Andrea (2007). *Tão longe, tão perto: organização familiar e emigração feminina na Ilha da Boa Vista, Cabo Verde* [Tese de Doutorado]. Brasília: Universidade de Brasília.

- Lopes, Rosalice (2004). *Prisioneiras de uma mesma história: o amor materno atrás das grades* [Tese de Doutorado]. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Lorgia, Rogel (2010). «Voces y experiencias de mujeres migrantes». Grupo Interdisciplinario de Investigador@s Migrantes (ed.), *Familias, Jóvenes, Niños y Niñas Migrantes: Rompiendo Estereotipos*. Madrid: Iepala Edirtorial, 197-210.
- Macpherson, Crawford (1962). *The political theory of possessive individualism*. London: Oxford University Press.
- Madianou, Mirca; Miller, Daniel (2012). *Migration and New Media: Transnational Families and Polymedia*. London: Routledge.
- Mckenzie, Sean; Menjívar, Cecilia (2011). «The Meanings of Migration, Remittances and Gifts: Views of Honduran Women Who Stay». *Global Networks*, 11(1), 63-81.
- Mol, Annemarie (2002). *The Body Multiple: Ontology in Medical Practice*. Durham, North Carolina: Duke University Press.
- Padovani, Natalia (2013). «Confounding Borders and Walls: Documents, Letters and the Governance of Relationships in São Paulo and Barcelona Prisons» [online]. *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, 10(2). URL <http://www.vibrant.org.br/issues/v10n2/natalia-corazza-padovani-confounding-borders-and-walls/> (2016-04-11).
- Padovani, Natália (2015). *Sobre casos e casamentos: Afetos e 'amores' através de penitenciárias femininas em São Paulo e Barcelona* [Doutorado em Antropologia Social]. Campinas: Universidade de Campinas.
- Parreñas, Rachel (2005). «Long Distance Intimacy: Class, Gender and Intergenerational Relations Between Mothers and Children in Filipino Transnational Families». *Global Networks*, 5(4), 317-36.
- Piscitelli, Adriana (2011). «Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais». Piscitelli, Adriana; Assis, Glaucia de Oliveira; Olivar, José Miguel Nieto (eds.), *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: Pagu/UNICAMP, 537-82.
- Puerta, Yolanda; Masdeu, Montserrat (2010). «Parejas en el espacio transnacional: los proyectos de mujeres que emigran por motivos conyugales». *Migr. Inter, México*, 5(3), 143-74.
- Rosa, Susel da (2008). «A escrita de si na situação de tortura e isolamento: as cartas de Manoel Raimundo Soares» [online]. *História, imagem e narrativas*, 7. URL <http://docplayer.com.br/9140998-A-escrita-de-si-na-situacao-de-tortura-e-isolamento-as-cartas-de-manoel-raimundo-soares.html> (2016-10-02).
- Sautchuk, Carlos Emanuel (2007). *O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas* [Tese de Doutorado]. Brasília: Universidade de Brasília.

Soares, Barbara; Ilgenfritz, Iara (2002). *Prisioneiras: vida e violência atrás das grades*. Rio de Janeiro: Garamond/CESeC.

Vianna, Adriana; Farias, Juliana (2011). «A guerra das mães». *Cadernos Pagu*, 37, 79-116.

Zelizer, Viviana (2009). *La negociación de la intimidad*. México: Fondo de Cultura Económica.